Juvenal Galeno e seu Verso de Pluma e Sabre

Eduardo Campos

Quando Juvenal Galeno se punha rapaz, bem nascido e melhor criado, Fortaleza era um burgo tranqüilo, de casario batido de bons ares, cercado de sítios acolhedores, aonde iam passear os da cidade, a exibir "chapéus de montaria, ricamente enfeitados", moda para senhoras e cavalheiros; deles, de mola, e mais ditos franceses, e do Chile, todos muito finos, e assim os de palha da Itália, além de bonés de velbutina, para meninos que acompanhavam os pais em suas caminhadas, por exemplo, ao Alagadiço-grande. É como nos sugerem os anúncios insertos n'O COMMERCIAL de 27 de agosto de 1857.

Descrevendo a Fortaleza da década de 60-69, Renato Braga, a documentar com irrepreensível seriedade a expedição da Comissão Científica de Exploração ao Ceará, conta que as gentes abastadas desses dias desconheciam entre nós pompa e luxo. "Haviam conseguido fortuna à custa de uma poupança semítica. O meio não comportava pródigos nem desdenhadores da parcimônia."

Custa crer assim fosse. Ainda que resguardados de ostentação, não poderiam os fortalezenses deixar de comprar o que de chique lhes ofertava Dezidério Antônio Miranda, cuja loja também se destacava, como a de Albano & Irmão, na venda de chapéus elegantes para montaria, luvas de qualidade superior, popelines de Paris, famosos chales de merinó, alpacas e lapins. Havia de um tudo, à farta, para requintar os citadinos, desde os "cortes de coletes de cetim de Macau, bordados a

agulha", vendidos a 8$000, até os tecidos pretos da moda, os chamados finos, principalmente "princesas".

A se admitir como certa a arrecadação da Câmara Municipal de Fortaleza, para o quarto semestre de 1857, a edilidade recolhia 38$400 de impostos sobre carros de luxo, o que é excelente indicador da quantidade de veículos existentes.

Fortaleza, assim, se para uns era cidade bisonha, para não dizer atrasada, para outros como nós, mais otimistas, vencia estágio de apreciável desfrute social; tinha tudo para contentar o talento promissor de Juvenal Galeno que, voltando para a província, trazia debaixo do braço o seu primeiro livro, *Prelúdios poéticos*, e pelo menos um conto, ainda impregnado da atmosfera da corte, publicado ao jornal *Commercial* de 2 de julho de 1857, de nossa cidade.

Tem-se, nessa primeira mostra de prosa ficcional do autor de *Lendas e Canções Populares*, episódio nitidamente romântico, muito a gosto da época, em que é contado o drama do burgês Leopoldo, freqüentador de salões e teatros, e num destes flechados pelo Cupido, que o torna poeta, incontrolável apaixonado a firmar impressões no álbum de sua *Madona*, "anjo que encanta e enebria com as harmonias de sua voz... com a magia de seus encantos", — como está escrito.

E sucede noite, no conto, em que se dá bonito espetáculo no Teatro Lírico. A juventude dos 21 anos de Juvenal Galeno descreve-o assim:

"A enchente era completa. Ondas de luz e harmonia faziam os corações palpitarem de emoção, e o entusiasmo brilhava nas faces dos espectadores, à exceção dos agiotas — dos homens sem coração — que buscam o Teatro para satisfazerem os caprichos de sua consorte, filhas, ou para esquecer *muita cousa.*

Há homens assim: tenho-os visto insensíveis ao escutarem as mais suaves harmonias de Bellini, e as mais ardentes inspirações de Verdi. Nunca me hei-de esquecer da gargalhada estúpida que um agiota soltou uma noite perto de mim, quando Margarida — a *Dama das Camelias* — morria junto do amante.

Dizia um meu colega que o homem que não gostava de música, de flores e moças formosas era estúpido infalivelmente. Confesso ao leitor que sou da mesma opinião. Mas, como vos dizia, — a enchente era completa.

Lindas donzelas, braços torneados, olhares sedutores, colos alvos e aveludados, lábios encarnados, cabelos negros e

lustrosos, colares e pulseiras de pérolas adornavam os camarotes e prendiam as vistas dos cavalheiros."

Agora falamos nós: terminada a encenação, a prima-dona recolhe-se à casa. E em seu salão, momentos depois, passa a receber seus amigos... e, como adivinham, o apaixonado Leopoldo, sob a ardência da paixão.

Transcorre cediço diálogo dos que amam sob os mil olhos julgadores da sociedade. Leopoldo deseja *Mademoiselle* à sua maneira de conquistador rico e caprichoso, querendo submeter a amante à união sigilosa. Mas altiva, ela repele:

"— Não, senhor Leopoldo; não consentiria eu nunca n'um casamento clandestino... não acarretaria sobre meu esposo as maldições de sua família... Oh, nunca!"

Um passo mais adiante, aditando considerações:

"— Escutai: o afeto que me despertaste n'alma é puro e extremoso, e assim não consentiria jamais torná-lo um instrumento de infortúnio para o homem a quem me consagro. Não semelhar-me-ei a *Macenilha*, que com o benéfico refrigério da sombra dá morte ao cansado caminheiro que a procura. Senhor, lembrai-vos que tendes uma família nobre a quem respondereis por vossos atos."

O momento melhor do conto está no desenvolvimento final, noite de café mundano. É aí que o texto corre rápido, sincopado, pondo à vista a criatividade do autor.

Há nesse final um ritmo de exposição que cresce e avança no tempo, qual estilo atual, moderno. Por isso agrada, não só pelas sugestões do que descreve como freqüência carioca, noturna, mas pelas informações do cenário e suas circunstâncias.

Senão vejamos:

"O café do Francione está cheio de fregueses: trabalham as máquinas de sorvetes, e derretem-se nos copos com o calor excessivo; os criados correm, abalrroam-se, e confessam ingenuamente que não podem servir a tantos cavalheiros ao mesmo tempo: esperem, meus senhores! é preciso paciência.

Já ali quebrou um criado, com a pressa, um copinho que levava para encher de sorvete: Francione franziu a testa e o mísero garçon empalideceu pensando no ajuste de contas.

Mais adiante caiu um sorvete do copo e vai-se derretendo no chão.

Café para dous! Gritam como possessos dois mineiros batendo sobre a banca de mármore.

Café? com semelhante calor, meus srs.?... diz um gordo e reformado coronel, que vizinho oferecia um copo de creme gelado.

Uma ceia! grita um estudante magro, e pálido, puxando por uma bolsa tísica e contando cuidadosamente uma pataca de cobre.

Esperem, meus srs! É preciso paciência!

Que barulho fazem estes srs. com as colheres nos pires!

Garçon! Traze charutos de Havana, dizem dois mancebos que acabam de tomar sorvetes e lêem o *Correio da Tarde.*"

Retomamos a palavra: os dois jovens que conversam contam o desenlace amoroso de Leopoldo e da bela cantora de ópera. E revelam que o desventurado apaixonado, "completamente desfigurado", parte para a Madeira à busca de novos ares...

A influência do Rio de Janeiro, então capital do País, é decisiva nessa fase do prosador. Mas a seqüência final do homem mais fiel em observar as coisas simples.

Já no Ceará, em contacto com a paisagem do nosso "locus conto, a que aludimos, anuncia o que será Juvenal Galeno, amenus", ele desvincula-se das narrações rebuscadas em que vige a preocupação pela afetação, pela erudição acadêmica, das quais é exemplo aquele "O Teatro e o Baile", onde um mundo que não é nosso se intromete a todo instante: idéias e citações francesas, italianas; colos de cisne, olhos de Andaluza; referências esnobes, cavalheiro amado por *paladim* e amado por *donoza dama.*

Mas Juvenal Galeno ainda nos daria agradáveis momentos de prosa, então mais afeiçoados ao nosso ecúmeno e despojados da influência civilizatória do Rio de Janeiro, do tempo em que ali viveu após concluir o Curso de Humanidades entre nós. De exemplo o tão nosso *Dia de Feira,* página inserta antes no seu *Cenas Populares,* e, posteriormente, a melhor dizer, mais recentemente incluída no volume "Pacatuba — Antologia do Centenário", edição de 1969, *Imprensa Oficial.*

Nele reencontramos o mesmo estilo que, no diálogo, na descrição de ambientes, se entremostrara naquele conto publicado n' *O Commercial,* como se observará a seguir: